

LOTI, O SONHADOR

por CARDOSO PIRES

COMO Zweig, como Pearl Buck e como muitos outros romancistas, Pierre Loti está na moda. Os seus livros continuam a ser bem acolhidos pelas gerações deste século, como o foram pelo público do século passado.

É não é para admirar que as suas obras estejam, após tantos anos de êxito consecutivo, em lugar de destaque nas bibliotecas e nas livrarias de todo o mundo; porque ele escreveu para o mundo e descreveu o universo, nas suas mais árduas passagens e os seus maiores encantos. Loti é um escritor de fama e de glória universais.

Não importa que Stefan Zweig seja um escritor dos nossos dias e que Loti tivesse nascido nos meados do século passado; o que não se deve olvidar é que os seus romances têm sempre actualidade porque impressionam.

É aquela cidadezinha de Rochefort-sur-Mer, debruçada sobre o Atlântico bravo como a querer entregar-se-lhe de todo, teve a honra de ser a mãe de uma das maiores glórias literárias da França: Julien Viaud.

Como a sua cidade como o seu povo, o da sua terra, Julien Viaud não pôde deixar de pertencer ao mar, e desde muito novo se entregou à espinhosa missão de sulcar oceanos.

Viaud foi marinheiro e pôde, assim, conhecer o mundo que ele ardentemente desejava percorrer e observar.

Quázi não viveu na França; viveu no mundo. Mas apesar de passar pela sua terra natal como que a fugir, apesar de mal conhecer a sua França, Julien adoptou o pseudónimo de *Pierre Loti* e immortalizou-se e glorificou a sua terra com a sua fama.

Loti, o escritor; Julien, o marinheiro que quis casar com o mar.

Mas Loti é o espelho de Julien Viaud porque as suas vidas são o reflexo uma da outra.

Os livros de Loti são a reportagem da vida de Viaud. Este conheceu os homens, amou-os; o outro descreveu-os, distinguiu-os e immortalizou-os.

Por isso a pessoa de Pierre Loti absorveu a personagem de Julien Viaud e fundiram-se, o escritor e o marinheiro, numa só: Pierre Loti, o sonhador.

Embora nado numa época de renascimento literário, em que se salientaram, principalmente, os contistas e novelistas russos, Pierre Loti, pode dizer-se, não foi influenciado pelos temas de Dostoiewski, nem pelos dramas profundamente psicológicos de Kuprine. Este ainda moço e no início da sua brilhante carreira.

A sua obra revela uma facilidade no trabalho e uma acuidade que não é natural nos escritores do seu tempo.

Em Kuprine, em Dostoiewski e na maioria dos seus contemporâneos, transparece uma confusão de ideias e de pensamentos que se não nota em Loti. As novelas daqueles são dotadas de um sincretismo cruel; as deste são a sintetização de uma vida doce, com os seus perigos e as suas desgraças minguadas pelo seu estilo.

A sua maneira de escrever é singular, é única uniforme; mas as suas obras são diferentes umas das outras e o seu ambiente proteiforme.

Nos seus trabalhos não há desalinhamento, há euriitmia.

Loti conheceu, como marinheiro que era, o mundo no mais belo dos seus encantos e no mais amargo dos seus dramas e, por esta razão adivinha-se como intérprete de grande parte, a maior parte, das suas obras — aliás o que sucede com muitos dos maiores escritores como Tolstol, Dostoiewski, Zweig, etc. — porque de facto uma viagem de Loti é uma jornada de sonho... e de realidade.

Por isso ele sonhou o ambiente que escreveu e viu o seu sonho realiza-o.

É que ele sonhou viver, e nos seus livros, no lado do enredo destrambelhado, do mistério e da fantasia e inverosimilhança dos sonhos do homem, ele faz nos viver o sonho do escritor.

A ingenuidade da infância, a agitação da adolescência, a melancolia e a saudade da velhice, o mundo tal como é, tudo ele descreve incomparavelmente, embora numa simplicidade e num colorido atraente de estilo, porque a sua obra é a sua vida.

Dostoiewski disse:

«Um sonhador não é um homem é um ser neutro: vive numa perpétua sombra como se se escondesse do próprio dia».

Por essa razão Loti viveu uma vida errante na «sombra» da ilusão e eis porque foi um nómada, um «aventureiro».

Não queria conhecer o homem, queria ignorar o que era a vida, embora a conhecesse bem.

Ignorar a vida é difícil, sobretudo para um espírito de observação tão grande como o de Loti. É para des-

conhecer o homem não há remédio melhor que o soulio.

Quis, sim, conhecer os homens, o mundo em conjunto, e por isso não deixa transparecer psicologia nas suas obras.

Também não se cingiu ao ambiente de um só país, de uma só região, como sucede com a maioria dos escritores hodiernos e mesmo contemporâneos.

Não. Ele pinta em cada livro uma paisagem, em cada um dos seus trabalhos sentimentos levados, ou para essas regiões onde o sol cobre uma luxuriante vegetação com suas cálidas carícias e onde tudo é exótico, ou transportados para a desolação de um deserto onde o sol é sufocante e impiedoso ou, ainda, para as paragens longínquas onde tudo é neve, o de a claridade cega e onde o mar é um infinito, agitado e insondável.

Cada viagem sua era um país que, embora já visitado por aque e nauta tão viajado, sempre tinha para ele encantos novos. Cada porto um amor que ele vivia e cada amor um sonho que persistia e que ele eternizava. Esses amores de marinheiros, tão efêmeros, transformou-os a sua pena em paixões imorredoiras, em novelas que o mundo conheceu.

Em cada trabalho do grande escritor francês, transparece sempre o drama do amor — o que não é para admirar, porque o amor como ele o descreveu, o amor quási adolescente, o amor selvagem, está na índole de todos, ou pelo menos, na maioria dos escritores franceses.

O seu maior amigo, Plumkett, define-o assim: (1)

«... o amor é afinal tudo o que resta da derrocada de todas as coisas!»

Por isso mesmo Loti, em cada trabalho seu não esquece o amor... nem uma paisagem diferente de todas as outras porque é sua.

Amava todas as regiões, todos os povos, conforme ele disse numa passagem de um dos seus livros:

«... também este país é novo, e eu começo a amá-lo como amei tantos outros (2)».

Loti foi, talvez, o único escritor que soube viver na tal sombra a que Dostoiewski se referiu.

Talvez que Zweig, ao levar uma vida de inquietude constante, pretendesse, depois de ter conhecido o homem tal como ele é imo *peccatore*, sonhar. Mas não o conseguiu fazer...

No entanto, momentos houve em que Loti não sonhou nos seus livros e, desses, os mais bels estão, sem dúvida, compilados em «Flores de Tédio».

Aí onde ele se mostra quasi revoltado, mesmo psicólogo e dotado de uma filosofia subjectivista — apresenta sem dúvida uma amostra do que foram as possibilidades já atestadas em obras como «O Casamento de Loti», «Suleima», «O Pescador da Islândia», «As Desencantadas», «Japoneses de Outono», etc...

Plumkett, o seu maior crítico, também não ficou indiferente à sua arte de escrever, e nas obras em que colabora com ele demonstra-nos que se contagiou pelo estilo do grande romancista francês.

As linhas de Plumkett, embora entremeada de pensamentos e de dissertações bem desenvolvidas, o que não é vulgar em Pierre Loti, estão submetidas ao mesmo estilo, àquela mesma leveza e colorido já tão peculiar em obras do grande escritor.

Esses pensamentos em linhas tão bem talhadas levam-nos a duvidar da existência de Plumkett. Parece-nos que este se imiscue na personalidade de Loti.

É neste livro, «Flores de Tédio», que Pierre Loti se dá a conhecer.

Aí torna-se quási psicólogo, deixa de ser o marinheiro para passar a ser o homem.

«Flores de Tédio» formam como que um ramo de flores vindas dessas regiões exóticas onde tudo é sonho e fantasia, regiões que ele tão bem soube descrever, mas que subitamente se encontram no mundo, deixam cair a suas pétalas mais perfumadas, misturam-se entre os homens e cobrem-se de espinhos. Deixam de sonhar...

«Flores de Tédio» são folhas arrancadas ao acaso do diário de um sonhador errante: Loti.

Mas não é em «Flores de Tédio» que ele se retrata (físicamente). Em «Flores de Tédio» é o escritor que se abre e se dá a conhecer; mas em «O Marinheiro» e «O Meu Irmão Ives», é o próprio homem que traça a sua biografia, é o marinheiro que se descreve a si próprio, é Julien Viaud que fala.

Em «O Marinheiro», principalmente, salta aos olhos a semelhança entre Jean o protagonista, e Loti, o autor. A mesma melancolia que o tornou célebre, a mesma nobreza de sentimentos das suas outras personagens, tudo aparece no protagonista de «O Marinheiro».

(Conclue na 6.ª pág.)

LOTI, O SONHADOR

Ler, por exemplo, «O Pescador da Islândia» é fazer uma ideia bastante segura de «O Marinheiro», porque em ambos é Julien Viaud que vive na pena de Pierre Loti.

Tanto em «A Exilada» como em «O Marinheiro», como, enfim, em todas as suas obras, há uma paixão que transparece sempre: a nostalgia.

E o *homem* quer deixar de sofrer, quer abandonar essa paixão, fixar-se na sua França — mas o *escritor* não lho permite, não pode fugir à sua sina: tem de *sonhar*, tem de ser errante.

Ler Loti é também *sonhar*: porque todo aquele que compreende a sua obra reconhece que a par do mundo de Deus há o mundo criado pelo homem.

(1) — «*Flores de Tétio*»

(2) — «*Pasquala Ivanovitch*»